

# Comitê de bancos começa a tratar do refinanciamento

NOVA IORQUE — O comitê assessor dos credores privados enviou ontem telex a todos os bancos comerciais que têm créditos com o Brasil conclamando-os a endossar o acordo de refinanciamento dos juros devidos desde a moratória (20 de fevereiro). No telex, o comitê alerta que os bancos que aderirem ao acordo — que prevê a concessão de 3 bilhões de dólares em novos empréstimos ao Brasil — até o dia 26 terão uma comissão maior.

Paralelamente, fontes financeiras em Washington ouvidas pela agência UPI revelaram que a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) que visita o Brasil na próxima semana vai ajudar a abrir o caminho para um acordo formal entre o Brasil e o Fundo. As fontes lembraram que o Brasil ainda tem que negociar o refinanciamento de 14 bilhões de dólares com os credores oficiais (Clube de Paris) e que os bancos centrais dos países industrializados estão exigindo, mais do que os credores comerciais, a ida do Brasil ao FMI.

**Adiada** — A missão do FMI adiou sua vinda por uma semana, a pedido do Banco Central, que na próxima semana deve receber a missão do comitê dos bancos credores para fazer uma reavaliação do plano macroeconômico. O pedido para o adiamento da viagem da missão, que chega provavelmente no próximo dia 22, foi feito pelo diretor do departamento econômico do BC, que em Brasília disse preferir discutir com o Fundo após esclarecer alguns pontos divergentes entre o comitê dos bancos credores e os técnicos brasileiros em relação à necessidade de financiamento do país para os próximos anos.

A comunicação de que a missão do FMI havia aceito a pedido do BC foi feita pelo representante brasileiro no Fundo, Alexandre Kafka. Para técnicos do Banco Central, o relatório do FMI, neste momento em que foi fechado um acordo

com os credores e que o país espera a liberação de novos recursos para o refinanciamento dos juros vencidos neste último trimestre, terá um peso bem maior do que o dos relatórios anteriores.

Apesar de o governo afirmar que a vinda da missão é de rotina, pois o artigo quatro prevê a visita de uma missão do Fundo aos países membros, fontes do BC acreditam que este já é um sinal de reaproximação do Brasil com o FMI, que poderá recorrer a este organismo de acordo com as bases do acordo provisório firmado na semana passada em Nova Iorque.

A *montanha russa* das bolsas e do dólar voltou a subir ontem, impulsionada pelo anúncio em Washington de uma boa redução no déficit comercial dos Estados Unidos em setembro, quando ficou em 14,08 bilhões de dólares, contra 15,68 bilhões em agosto e abaixo dos 14,7 bilhões previstos pelos analistas financeiros. Todas as principais bolsas de valores do mundo subiram, com destaque para Paris (8,3%), Frankfurt (6,7%), e Hong Kong e Zurique (5% cada). Tóquio fechou com mais 2,4%, enquanto Wall Street recuperou 3,2% e Londres 3,8%. O dólar sofreu pequenas valorizações em todas as praças, fechando a 134,8 ienes em Tóquio e 1,6832 marcos em Frankfurt.

A redução de mais de 10% do déficit mensal da balança comercial dos Estados Unidos deveu-se em grande parte à redução de 16,3% nas importações de petróleo, motivada por compras em excesso nos meses anteriores, sob temor de um novo aumento no preço do barril. Além disso, as importações americanas em setembro caíram 2,4% em relação a agosto, ficando em 35,06 bilhões de dólares, enquanto as exportações tiveram um crescimento de 3,8%, fechando em 20,9 bilhões de dólares.